

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafratetti@revistalush.com.br -



IMPRESSIONISMO

Todos nós temos uma sensação de familiaridade ao nos depararmos com obras de arte do movimento impressionista, que aconteceu na França na segunda metade do século XIX. Nas obras prevalecem a luz e a cor natural, capturada ao ar livre e não mais nos interiores dos ateliês. É uma arte alegre, vibrante e cheia de cor que sugere felicidade e vida harmoniosa, sem a preocupação de discutir os dramas humanos, políticos e sociais da época. Os principais artistas do movimento foram Monet, Manet, Renoir, Pissarro, Sisley, Van Gogh, Degas, Cézanne, Toulouse-Lautrec, Gauguin, entre outros.

O impressionismo representou um rompimento com a pintura acadêmica praticada até então e trouxe aos artistas liberdades inovadoras com relação aos temas, à luz e à cor. Desta forma, propõe uma nova visão conceitual da natureza, baseada na experiência visual direta: ela é o que vemos ou sentimos. Não há mais uma hierarquia temática; interessa aos artistas apenas o imediato, o que dura pouco, a preservação do esboço inicial. Esta atitude se relaciona com o surgimento da burguesia, o gosto pela vida ao ar livre. Suas inovações influenciaram os artistas modernos que os sucederam. ▶



"O lago das ninfeias, harmonia verde" (1899), de Claude Monet

Monet se dedicava à exploração metódica do comportamento da luz natural em diferentes horas e estações do ano. Buscava a "instantaneidade", a luz que envolve as cenas por um instante antes de mudar e criar um novo efeito momentâneo. Ele retratava objetos banais com uma aura de adoração e respeito, passando a ideia de que a natureza, longe de ser estática, é dinâmica e reveladora.

Os impressionistas eliminaram detalhes menores e sugeriram formas menos definidas, com os contornos diluídos pelos efeitos luminosos. Eles preferiam cores primárias como vermelho, amarelo e azul, e complementares - verde, púrpura e laranja. Para realçar a qualidade de cada uma das cores, usavam a justaposição das cores primárias que, quando vistas a uma certa distância, contrastavam com uma cor complementar.

Naquela época os pintores da Academia Real Francesa expunham seus trabalhos no "Salão", que era uma instituição muito antiga. Os críticos não reconheciam os valores inovadores, preferindo manter a segurança oferecida pelo tradicional e acadêmico. Assim, recusaram as obras de um grupo de artistas que surgia com ideias totalmente novas. ➤



"Dançarinas subindo uma escada" (1886-1888), de Edgar Degas

Degas tinha predileção por composições que captam o instante. Suas obras sugerem grande movimento e compõem-se de gestos rápidos e sutis. O artista retratou aulas e ensaios da Ópera de Paris, rompendo com o estilo tradicional dos quadros de balé: ao invés de retratar uma bailarina em seu melhor traje e momento, voltou-se para a rotinada de bailarinas anônimas.

Na exposição o irmão do pintor Auguste Renoir, Edmond Renoir, dá o nome à tela "Impressão: Nascer do Sol", de Claude Monet. O crítico Louis Leroy, ao criticar a exposição, escreveu: "Selvagens obstinados, não querem por preguiça ou incapacidade terminar seus quadros. Contentam-se com uns borrões que representam suas impressões. Que farsantes! Impressionistas!". Surgiu assim o nome do movimento e, apesar de usado de maneira pejorativa, expressou o que os artistas realmente procuravam: traduzir na pintura seu próprio sentimento, suas impressões, não apenas representar uma paisagem determinada. Na exposição de 1874 pela primeira vez na história da arte um grupo admite uma mulher: a francesa Berthe Morisot.



"Impressão: Nascer do Sol", (1873) - Claude Monet



Le Déjeuner sur l'Herbe (1863), Claude Manet

Manet foi um dos mais originais artistas da Europa. Os impressionistas foram influenciados por ele. Através de obras tidas como "escandalosas", como Olimpia (na qual retratou uma prostituta) e "Dejeuner sur l'Herbe"(onde aparece uma jovem nua) ele afirmou o principio de que o artista tem liberdade para pintar qualquer tema, sem se limitar a temas "elevados" ou tradicionais. Este foi o embrião para as fundações da arte moderna.

De 1874 a 1886 os impressionistas montaram 8 exposições, mas sem sucesso comercial. O grupo se dispersou e alguns deles, juntamente com artistas mais novos, tentaram superar as propostas básicas, dando surgimento ao Neo-Impressionismo e ao Pós-Impressionismo.

O Brasil está recebendo a maior exposição já vista aqui destes renomados artistas - "Impressionismo: Paris e a Modernidade, Obras Primas do Acervo do Museu d'Orsay". São 85 obras de 42 artistas, que estão expostas no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo até 7 de outubro. De São Paulo, a mostra parte para o Rio de Janeiro. ➤

O D'Orsay abriu para o público em 1986 e contém um dos maiores acervos impressionistas do mundo. A maioria das obras nunca saiu do museu.

A exposição tem seis módulos temáticos divididos entre artistas que trabalharam no campo ou na cidade. "Paris: a cidade moderna", "A vida urbana e seus arredores" e "Paris é uma festa" trazem imagens de óperas, bailes, jardins públicos, mercados e os famosos cafés, sendo um registro da vida burguesa e das transformações urbanas da virada do século 19. Já em "Fugir da cidade", "Convite à viagem" e "A vida silenciosa", as telas mostram a vida pacata do mundo rural, através do trabalho dos artistas que deixaram o ritmo acelerado da cidade para levar uma vida calma e reservada.

A curadoria é de Guy Cogeval, presidente do Museu d'Orsay, Caroline Mathieu, conservadora chefe do Museu d'Orsay e de Pablo Jimenez Burillo, diretor-geral da Fundación Mapfre. ▲



Le Moulin De la Galette (1876), Renoir

A pintura de Renoir foi uma forma de expressar seu amor pela vida. Suas telas sempre evocaram um mundo despreocupado e sonhador, cheio de cores e alegria popular, seus amigos, amores, a alegria do seu tempo, explorando com sutileza os contrastes entre luminosidade e sombras. Aos 40 anos já era famoso como pintor de retratos da sociedade.



" O Quarto" (1888), Vincent Van Gogh

Desde o início o irrequieto pintor holandês buscava expressar-se livre das regras tradicionais de perspectiva e técnica. Em 1888 foi para Paris, onde a controvérsia sobre o novo estilo impressionista estava ainda efervescendo. Sua vida trágica e conturbada se reflete em seus trabalhos. Ele foi além da atmosfera agradável dos impressionistas, colocando em cada pincelada sua angústia existencial.



"O tocador de pífano" (1866), de Manet.

É um dos quadros mais emblemáticos do Impressionismo.
A obra foi recusada no Salão de Paris de 1867



Noite Estrelada sobre o rio Rhone (1888), Van Gogh



"O Berço" (1872), de Berthe Morisot



Série Catedral de Rouen, de Claude Monet

Monet foi um dos pintores que mais se dedicou ao tema da luz e da cor em suas obras. Sua série sobre a Catedral de Rouen evidencia esta busca por mostrar as diferentes cores e sombras advindas de diferentes posições solares. As 18 fachadas mostram, em seu conjunto, o movimento do sol. E mostram como a luz influencia nossa observação do mundo.